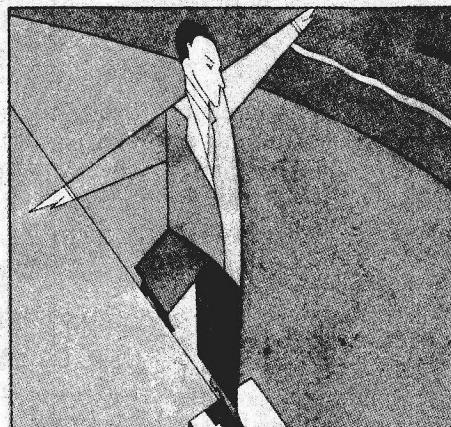


No lugar da fazenda, uma próspera cidade.



São nove irmãos, entre 21 e 37 anos de idade. Por iniciativa dos pais, Alberto Rodrigues da Cunha e Nair, eles fundaram em Goiás uma cidade nas terras que receberam como herança da avó Amélia Garcia Cunha. Era a melhor forma de começar a exploração agrícola do lugar e valorizar as terras que há 160 anos passavam de uma geração a outra. Cada um está trabalhando naquilo que conhece melhor. Há gente formada em arquitetura, medicina, odontologia, magistério, agronomia, veterinária. As mulheres e os maridos que entraram para a família também aceitaram o desafio. Alberto já conseguiu atrair 22 sobrinhos para a nova cidade. A maioria é jovem, recém-formada, com filho de colo e sonha crescer na vida. Vieram de Andradina, Interior de São Paulo, para mudar a história do Sudoeste goiano.

O loteamento nem foi registrado, mas o processo de emancipação do município já está na Assembléia Legislativa de Goiás. O povoado, com 2 mil habitantes, está entre os mais prósperos do Estado. Chapadão do Céu é o nome dessa cidade que nasceu em 1982. Em lugar do brasão, ela tem um logotipo que lembra o Parque Nacional das Emas, distante menos de 30 quilômetros. O fundador Alberto Rodrigues da Cunha disse ter escolhido esse nome porque, pela manhã, olhando o povoado de longe, tem-se a impressão de que o loteamento está suspenso sobre a miragem de um grande lago. É uma ilusão de ótica comum naquela região com mais de 300 mil hectares de planicie.

Cultura da soja faz sucesso. As terras triplicam de preço.

Chapadão do Céu começou a surgir em junho de 81, com a perfuração de um poço semi-artesiano. Em 82, a primeira obra foi a construção da escola Fruto da Terra, que se resumia a uma sala de alvenaria de pouco mais de 40 metros quadrados. No mesmo ano Alberto construiu uma hidrelétrica de 25 quilowatts, aproveitando uma das raras quedas do rio Correntes. Depois vieram o telefone, o hotel e a antena parabólica comunitária.

O loteamento de 8.200 hectares está dentro da fazenda que Amélia Garcia Cunha doou aos netos antes de morrer. Localiza-se no município goiano de Aporé. Aquela região, com 250 mil hectares, pertencia integralmente à família Garcia, segundo o tataraneto Alberto Rodrigues da Cunha. Ele diz ter documentos que comprovam a posse desde 1896.

A decisão de construir a cidade foi de Alberto, que tem 62 anos. Ele aproveitou a euforia de alguns filhos que sonhavam criar um lugar diferente, do tipo "comunidade alternativa". Menos sonhador e mais comerciante, Alberto associou-se aos filhos e herdeiros, com a intenção de dar "o mínimo de infra-estrutura para quem viesse explorar o cerrado". Decidiu-se, então, pela fundação da cidade porque, num raio de 150 quilômetros, a gente não tinha onde comprar uma caixa de fósforos, uma lata de óleo, combustível, nada".

A partilha da fazenda destinou 420 hectares e cada herdeiro, enquanto 2.500 hectares foram divididos entre área urbana, rural, pararrural e industrial. Dos 25 lotes rurais de 50 hectares, 60% já foram vendidos e estão ocupados; quase todos os 36 lotes pararrurais (de 5 a 20 hectares) foram comercializados; mais da metade dos 704 lotes urbanos estão ocupados, enquanto os 26 hectares dedicados às indústrias também estão comprometidos com a implantação de quatro empresas. Só a Refinadora de Óleo Brasil vai empregar 500 pessoas.

De 82 a 89, 2 mil pessoas se juntaram aos Rodrigues da Cunha em Chapadão do

Céu. O sucesso da soja no solo daquela região atraiu os investidores e o solo triplicou de preço. Marcos, o terceiro filho, tem 33 anos e formou-se em agronomia pela Universidade de Piracicaba. Montou usina de beneficiamento de sementes de soja. Recentemente, vendeu 200 hectares na zona rural de Chapadão e comprou 20 mil na região Norte do Estado.

Chapadão abre e conserva suas próprias estradas rurais

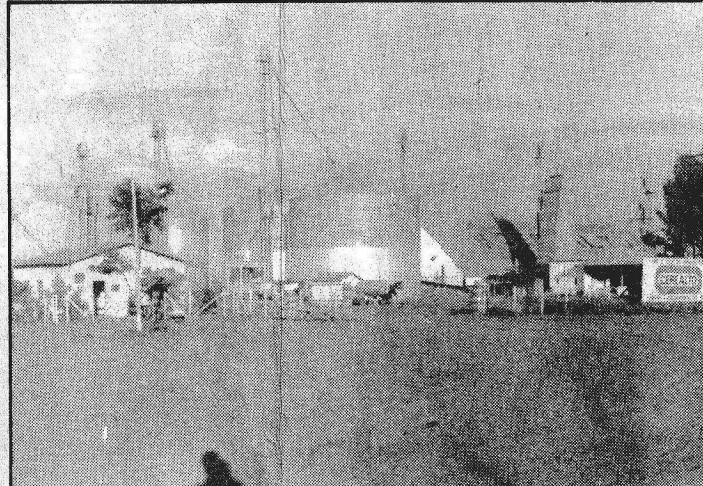
Chapadão já enfrenta problemas por causa do crescimento exagerado e rápido. O mais grave é a falta d'água, que atinge a maioria dos prédios, inclusive a escola. A caixa de 20 mil litros é insuficiente e os 5 mil metros de tubos da rede de distribuição já não suportam a grande demanda. A taxa pelo consumo d'água é de NCz\$ 5,00 por mês. A de energia também era a mesma até o mês passado quando as Centrais Elétricas de Goiás assumiram todo o sistema, começando por trocar os postes. Os fios também foram devolvidos a Alberto porque, segundo os técnicos da Celg, estavam fora dos padrões. As filas que se formavam à noite para usar os dois aparelhos telefônicos diminuíram desde que a Telecomunicações de Goiás instalou os primeiros 64 telefones comerciais e residenciais. Os assinantes e usuários vão pagar as ligações diretamente à administração do loteamento.

O crescimento de Chapadão do Céu está assustando as autoridades de Aporé, sede do município. A Secretaria da Fazenda de Goiás confirma que durante o ano passado a receita de ICM proveniente da agricultura representou mais de 80% do orçamento da Prefeitura. As lavouras de soja, milho e arroz nas proximidades de Chapadão renderam 762 milhões de cruzados. Aporé está em 16º lugar entre os desenove mais prósperos municípios do Estado de Goiás.

A inferioridade é admitida pelo prefeito Hailton Gomes da Penha, eleito pelo PFL com três ou quatro votos dos 550 de Chapadão do Céu. A cidade concentrou seu apoio no PMDB. Com isso, os habitantes elegeram três dos nove vereadores da Câmara Municipal, que inclusive formam maioria partidária. O prefeito Hamilton não poupa críticas ao projeto de colonização: "Aqui é só uma fazenda, sem democracia, que vive sob a coação da família do senhor Alberto Rodrigues da Cunha. Tudo gira em torno da família e eles só fazem aquilo para valorizar as próprias terras".

Uma idéia de Alberto Rodrigues da Cunha — começar a reter parte da parcela de ICM diretamente na contabilidade do povoado — só não vingou entre os proprietários rurais porque o governo do Estado de Goiás vem sendo grato aos votos que recebeu na cidade, como explica o administrador Paulo. Algumas obras, como a telefonia e a eletricidade, agradaram os contribuintes. A subestação de energia de Chapadão já tem o dobro da capacidade de Aporé, que enfrenta problemas de interrupções no fornecimento. A abertura de uma rodovia de 120 quilômetros, ligando Chapadão à região produtora de calcário, também agradou.

Apesar disso, para muitos agricultores, vem sendo injusto o retorno de recursos arrecadados pelo imposto. Eduardo Peixoto, 33 anos, presidente da Associação Pró-Desenvolvimento de Chapadão do Céu e fazendeiro de 3.200 hectares de soja, liderou campanha que arrecadou, em 88, uma verba que serviu para construir galerias, aterros e melhorar as condições de tráfego das estradas rurais. O único socorro rodoviário que atende a região pertence aos fundadores da cidade. Para Eduardo Peixoto, é o governo quem limita o progresso de Chapadão do Céu.



A cidade já atrai grandes companhias cerealistas, como a Cerealto.



A professora Maria Amélia e o marido, diante da primeira escola.

Na escola, uma experiência alternativa.

Fruta da Terra é o nome que a psicóloga Maria Amélia deu à escola que fundou em Chapadão do Céu, meses depois de formar-se pela Faculdade Objetivo de São Paulo. Tanto que ela mesma preparava a merenda escolar, aproveitando a fartura das fazendas vizinhas. Chegou a devolver aquela oferecida pela Prefeitura de Aporé, porque não admitia dar às crianças enlatados como salsichas e sardinhas.

Mas a cidade cresceu muito rápido e, hoje, Maria Amélia lamenta que os habitantes, alheios ao processo inicial de formação do povoado, exigiam mais do que participam. Ela diz que tinha mais prazer quando a escola era uma sala só: "As crianças traziam de casa as mesas e cadeiras que usavam para estudar". Hoje são quase 300 alunos. A escola entrou nos padrões da rede estadual de ensino e continua pequena para a demanda, sempre

crescente. As quatro salas de aula inauguradas em abril de 85, como parte do programa de mil salas do ex-governador Iris Rezende, foram divididas ao meio para permitir o funcionamento de todas as séries do primeiro grau.

"A comunidade alternativa foi um sonho", admite, melancólica, a hoje diretora da Escola Estadual Fruto da Terra, referindo-se ao seu projeto de anos atrás, Maria Amélia virou funcionária pública e, mesmo sendo herdeira de 420 hectares, como os demais irmãos, prefere continuar ganhando um salário relativamente baixo.

Longe do roteiro dos viajantes de laboratórios farmacêuticos, deu-se bem a medicina alternativa da médica homeopata Germana Sabino da Cunha. No quintal do Centro de Saúde, uma horta com alecrim, anjerião, hortelã e carqueja, entre outras plantas medicinais, é a saída para o

tratamento de mil muitos. As folhas de barbatã, por exemplo, ajudaram a cicatrizar muitos machucados de gente que se acidentou nas construções.

A audácia de Germana entusiasmou Ada Buys, uma enfermeira que deixou a Holanda para morar no Chapadão do Céu e aplicar alguns conhecimentos adquiridos na Europa. Também a Universidade Federal de Goiânia se interessou pelo estudo das plantas que existem no Parque Nacional das Emas e vai realizar uma grande pesquisa, visando identificar e catalogar aquelas que poderão ter uso medicinal. Na farmácia homeopática, além de aspirinas e leite em pó, há muito mais produtos de higiene pessoal que remédios. Germana tem uma variedade de remédios homeopáticos na prateleira do consultório e está ampliando o estoque com receitas de raizeiros da região.

Notícias do Brasil real

A dificuldade de manter a mão-de-obra nos países desenvolvidos está provocando uma explosão de crescimento nas indústrias de fabricação de cristais artesanais, instaladas no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Primeira empresa a chegar ao mercado internacional, no ano passado, a Hering deverá exportar em 89 30% de sua produção de cálices de vinhos, taças de champanha e co-

pos, para países da Europa, Japão e Estados Unidos. No ano passado, a Hering exportou 20% de sua produção.

Além da Hering, também estão instaladas na região mais duas empresas: a Cristallerie Strauss e a Di-Trevi Indústria de Cristais, ambas fundadas por ex-funcionários da Hering. Das 9 mil peças por dia que fabrica a Strauss exportará 300 mil neste ano, destinadas prin-

cipalmente ao Japão. A Di-Trevi ainda não exporta, pois sua produção é pequena (60 mil peças por mês) e opera há apenas um ano — mas ela também já está se preparando para vender no mercado externo.

Em comum, além do método de fabricação artesanal, as três empresas têm a juventude dos funcionários, que entram neste trabalho já aos 14 anos. Eles fabricam as peças a

partir de uma mistura aquecida a 1.450 graus e da qual resulta uma massa que é moldada, ainda quente, na extremidade de um tubo, a sopro, peça por peça.

A Hering investirá, no próximo ano, US\$ 500 mil na construção de um forno com capacidade para 3 mil toneladas de cristal por dia. Também a Strauss planeja ampliar sua produção no próximo ano.

Compare os dois mundos

Brasil real

O crescimento agressivo da indústria avícola no País abriu campo para que o consumo da carne de frango chegassem a 12 quilos por habitante, neste ano. Hoje, as granjas produzem um frango com 1,7 quilo em 42 dias, gastando 3,4 quilos de ração para alimentá-lo. Há nove anos, o tempo necessário era de 60 dias, além de 4,25 quilos de ração.

O processo de emancipação de Chapadão do Céu está na Assembléia Legislativa, em Goiânia. Tem acompanhamento direto dos vereadores da cidade, entre eles Joênia Alves Araújo, genro de Alberto e marido da professora Maria Amélia.

Pelo projeto de emancipação, Chapadão do Céu ficaria com área de 2.400 quilômetros quadrados, ou 49% do município de Aporé. Todos os proprietários rurais dessa área assinaram um documento com firma reconhecida em cartório, manifestando desejo de pertencer ao novo município. Já estão inscritos 800 eleitores. São 70 mil hectares de soja, que esse ano deverão render mais de NCz\$ 10 milhões em ICM. Já o prefeito de Aporé acha que a emancipação vai inviabilizar o seu município — que, além de não ter agricultura, vai acabar dividindo pela metade os seus

Brasil oficial

Um estudo técnico preparado pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), ligado à Secretaria do Planejamento, estima que a dívida pública interna em títulos deva chegar a valores equivalentes a US\$ 100 milhões até o fim do ano. Sem uma ampla renegociação desses títulos, diz o estudo, qualquer ajuste econômico será ineficaz.

atuais 8 mil habitantes.

A colonização dessa região só está sendo possível porque os próprios fazendeiros assumiram a construção de pontes, aterros e estradas. Alberto Rodrigues da Cunha montou um socorro rodoviário com motoniveladora, caminhão basculante, pá carregadeira e uma street que fica à disposição dos proprietários rurais.

Para organizar a arrecadação de fundos e manter o socorro rodoviário, os fazendeiros formaram uma associação e abriram uma conta bancária comunitária. Com isso, é possível comprar óleo diesel, consertar os equipamentos e pagar o peso-solo.

Para Eduardo Peixoto, presidente da associação, a infra-estrutura viária foi a principal responsável pelo sucesso da colonização do Sudoeste goiano. Hoje ali exis-



te agricultura de soja, arroz e milho, com produção anual de 5 milhões de sacas. Graças ao transporte garantido, algumas indústrias e armazéns, como a Cerealto e a Cargill, acabaram se instalando na região, facilitando ainda mais a aquisição e o escoamento das safras agrícolas. Para chegar aos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, os agricultores usam uma estrada de 60 quilômetros, aberta e conservada no meio da fazenda Campo Bom, com uma sinalização de fazer inveja a muitas outras mantidas pelo poder público.

Brasil real mostra, amanhã, o sucesso de um imigrante suíço em Campinas.